

**LUTAS SOCIAIS E POLÍTICAS NO EGÍPTO
PTOLOMAICO.
O Cisma Dinástico de Horuennéfer e
Ankhuenéfer**

José das Candeias Sales
Universidade Aberta

Os Ptolomeus governaram o Egípto desde a assunção da basileia por Ptolomeu I Sóter, em 305 a.C, até à morte de Cleópatra VII, a última representante da Casa Real ptolomaica no Egípto, em 30 a.C. Integrando na contagem o filho de Cleópatra VII com Júlio César (Ptolomeu Cesarião), foram quinze os Ptolomeus que se sucederam no trono do Egípto nesses cerca de três séculos.

Usando todos os meios materiais e ideológicos ao seu dispor, os reis da dinastia ptolomaica tentaram seguir a tradição real autóctone de forma a garantirem a sua permanência no trono egípcio, respeitando as susceptibilidades religiosas dos nativos, cultuando os grandes deuses do antigo panteão local, construindo-lhes e embelezando-lhes as «moradas divinas» (hut-netjer), agraciando-os e aos seus sacerdotes com importantes doações, tudo com a intenção de conseguirem o seu apoio, bem como o dos escribas, como preeminentes repositórios e expoentes maiores da tradicional cultura egípcia¹: «État et (...) temple, jadis réunis dans la personne du Pharaon, sont désormais scindés en deux institutions dont le bon fonctionnement dépend néanmoins du soutien de l'une par l'autre.»²

1 Cf. Lloyd, Alan B., «The Ptolemaic Period (332-30 BC)», Ian Shaw (ed.), *The Oxford History of Ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press, 2000, pp. 415, 417.

2 Doyen, Florence; Preys, René, «La présence grecque en Egypte ptolémaïque: les traces d'une rencontre», *L'atelier de orfèvre. Mélanges offerts à Ph. Derchain*, Leuven, Peeters, 1992, pp. 69, 70.

Os templos egípcios continuaram, dessa forma, a desempenhar a sua antiga função de «power houses of Egypt, the interface between the human and divine in which pharaoh, through his proxy, the local high priest, conducted the critical rituals of maintenance for the gods, and the gods, in turn, channelled their live-giving power through pharaoh into Egypt.»³

Os faraós lágidas não deixaram, porém, concomitantemente de usar o seu poder legitimado para, ao longo dos anos, ir impondo pesadas taxas e explorar os recursos económicos do Vale do Nilo: «propriétaire de son royaume, le roi cherchait avant tout à tirer le plus gros bénéfice de l'exploitation de ses terres. L'intérêt financier et une certaine autosuffisance économique et administratif des Ptolémées qui, pour parvenir à leurs fins, s'appuyaient sur une bureaucratie nombreuse, complexe et présente dans tout le royaume.»⁴.

Em consequência, na viragem do século III para o século II a.C., a situação parece ter-se tornado insustentável para alguns e, entre 207 e 186 a.C., assiste-se a uma declarada oposição política ao domínio da Casa Real lágida, nomeadamente na chamada Tebaida, com a instauração de uma realza local, autónoma e independente de Alexandria. Tendo como limites setentrional a fronteira sul do *nomos* hermopolita e meridional a primeira catarata do Nilo, em Siena ou Filae, a Tebaida era uma região à parte no Egipto, constituída pelos *nomoi* do Alto Egipto. No período ptolomaico, esta região distinguiu-se particularmente pelo monopólio do óleo e ganhou grande importância justamente pela franca oposição, quase permanente, ao poder central sediado em Alexandria.

Como escreveu Alan B. Lloyd, «From the end of the third century BC, even this collaboration (entre as culturas egípcia e macedónica) was increasingly eroded by the divisive pressures exerted by dynastic schism, maladministration, economic crisis, and Egyptian resentments.»⁵

3 Lloyd, A. B., *Ob. Cit.*, p. 413.

4 Lançon, Bertrand; Schwentzel, Christian-Georges, *L'Égypte hellénistique et romaine*, Paris, Nathan, 1999, p. 47.

5 Lloyd, A. B., *Ob. Cit.*, p. 395.

Historicamente, este período de declarada oposição coincide com o final do reinado de Ptolomeu IV Filopator (221-205 a.C.) e com o reinado de seu filho, Ptolomeu V Epifânio (205-180 a.C.). Será, sob vários pontos de vista, internos e externos (ex..Quinta Guerra Síria: 202-195 a.C.; Segunda Guerra Púnica: 202 a.C.), um período de inflexão da história da dinastia e mesmo de esfacelamento da instituição real que, em última instância e de forma cada vez mais acentuada, conduzirão o país para a órbita sufocante de Roma («as nuvens erguiam-se a oeste», na linguagem de Políbio⁶) que acabará, como acontecera com outros reinos helenísticos, por lhe subtrair definitivamente a sua independência⁷.

A factuologia política mostra-nos que quando Ptolomeu IV Filopator morreu, em 205 a.C., Ptolomeu V Epifânio, o seu filho com Arsínoe III e sucessor, tinha apenas cinco anos de idade. Ele e os seus tutores/ conselheiros reais deparam-se imediatamente com uma revolta de alexandrinos na capital, apoiada por Filipe V da Macedónia (221-179 a.C.) e Antíoco III, o Grande, da Síria (223-187 a.C.).

A morte do rei e o advento do seu infantil sucessor, acompanhadas por lutas intestinas na corte, entre os mais influentes cortesãos (que na narrativa de Políbio são todos bem identificados: Agátocles, Agatocleia, Sosíbio, Enante, Tleopolemo, Muragenes, Nicostrato, Scopas, Aristomenes, etc.), foram aproveitados pelos adversários para tentarem recuperar posições e vingar afrontas do passado. Filipe V da Macedónia pretendia apropriar-se das riquezas entretanto acumuladas pelos reis lágidas anteriores e Antíoco III da Síria pretendia vingar a derrota sofrida a 21 de Junho de 217 a.C., em Ráfia, ante Ptolomeu IV, que, então, puse-

6 Políbio, *Histoire*, Paris, Éditions Gallimard, 1970; *Id.*, *The Histories I-VI* London/ New York/ Cambridge, Mass Loeb, 1974.

7 Cf. Sales, José das Candeias, *Ideologia e propaganda real no Egipto Ptolomaico (305-30 a.C.)*, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2005, pp. 41, 42, Bikerman, E., «L'avènement de Ptolémée V Épiphane», *CdE XV*, n° 29, janvier 1940, Bruxelles, Musées Royaux d'Art et d'Histoire, 1940, p. 125, e Regibus, Luca de, «Tolemeo V Epifane e l'intervento romano nel Mediterraneo orientale», *Aegyptus. Rivista italiana de Egiptologia e di Papirologia*, Anno XXXII, Milano, Università Cattolica (Scuola di Papirologia), 1952, p. 100. Políbio identificava o reinado de Ptolomeu IV Filopator como o início da decadência do Egipto ptolomaico (Cf. Préaux, Claire, «Polybe et Ptolomée Philopator», *CdE XL*, n° 79, 1965, p. 365).

ra termo à Quarta Guerra Síria (219-217 a.C.)⁸.

Para suster convenientemente as incursões do rei da Macedónia (recuperara Queronésia, confiscara domínios na Trácia, tomara Samos e outras ilhas do Egeu e entrara na Ásia Menor, por exemplo, na Cária) e do rei da Síria (atacara guarnições egípcias no Líbano, ocupara a Palestina, investira em Gaza, reocupara a Coelesíria), o novo faraó teve de solicitar o auxílio de Roma que, assim, entra, com papel de protagonista, na história do Egipto⁹.

Se os ecos do sucesso de Ráfia se fizeram escutar por todo o mundo mediterrânico no final da Quarta Guerra Síria e proclamaram o poderio dos reis do Egipto, agora a Quinta Guerra Síria alertara todos para a reconhecida fraqueza dos Lágidas e para o início do seu declínio.

Como refere A. E. Samuel, «The victory in 217 of Philopator against

8 A batalha de Ráfia (21 de Junho de 217 a.C.) disputada ao sul de Gaza, na Palestina, foi uma das maiores batalhas da Antiguidade. Opôs o general Sosíbio (ao serviço de Ptolomeu IV Filopator) e o rei selúcida Antíoco III, o Grande. Com um exército composto por cerca de 70.000 homens: 48.000 infantas (7 falanges de greco-macedónios: 28.000 homens; 5 falanges de *machimoi* egípcios: 20.000 soldados), 7.000 cavaleiros, 3.700 soldados da guarda real, 10.000 mercenários e 73 elefantes africanos, Ptolomeu IV venceu os 62.000 soldados, 6.000 cavaleiros e 102 elefantes do seu opositor. Antíoco III viu assim, nessa altura, fracassarem as suas pretensões de alargamento do espaço de dominação geo-política, enquanto Ptolomeu IV conseguia suster as pretensões selúcidas e garantir as antigas possessões da Casa Real egípcia (Cf. Lançon, B.; Schwentzel, C.-G., *Ob. Cit.*, pp. 17, 51; Bevan, Edwin, *Histoire des Lagides. 323 à 30 av. J.-C.*, Paris, Payot, 1934, p. 258; Baslez, Marie-Françoise, *Histoire politique du monde grec antique*, 2ª ed., Paris, Nathan Université, 1999, p. 226). Para se ter uma noção comparativa da pujança do contingente ptolomaico nesta batalha, note-se que cerca de um século antes, em 312 a.C., na Batalha de Gaza, Ptolomeu I Sóter I contava com 18.000 soldados e 4.000 cavaleiros, incluindo macedónios e mercenários (Cf. Bagnall, Roger S., «The origin of ptolomaic cleruchs», *BASP 21*, 1984, pp. 7-20).

9 O casamento de Ptolomeu V, em 194 a.C., com Cleópatra I, «a síria», filha de Antíoco, o Grande, foi uma tentativa de selar a paz com a Síria. Antíoco III dotava a filha com a Coelesíria que, assim, voltaria para o domínio da Casa Real de Alexandria. Na prática, a região nunca chegou a ser confiada a Cleópatra I (tinha dela só uma espécie de usufruto). Esta «estrangeira» seria, de facto, a introdutora de sangue exógeno na família real ptolomaica (Cf. Sales, J. C., *Ob. Cit.*, pp. 149, 150). Na cena política mediterrânica, Roma vencera Cartago (Segunda Guerra Púnica. 202 a.C.) e começara a dirigir a sua atenção para o Mediterrâneo Oriental. A Paz de Apameia (188 a.C.) transformaria o aspecto do Oriente helenístico e consagraria o poder predominante, interveniente e decisor de Roma nos assuntos político-militar-económicos do Mediterrâneo.

Seleucid forces at Raphia may have made the eastern region of the country secure; but there was a price to pay in the rising self-confidence of Egyptian armed troops, who were first used, successfully, on that occasion. In any case, for two decades after 206 B.C., native dynasts ruled of the century, the authority of Alexandria was not firmly reasserted until 186 B.C.»¹⁰

Pela primeira vez na história militar lágida, ao lado das habituais falanges de soldados gregos e macedónios, formaram-se falanges egípcias. Como dizia E. Bevan, «la nécessité fut la mère d'une innovation sensationnelle»¹¹. Esta «inovação sensacional» mostrar-se-ia decisiva no desenrolar da história da dinastia, no imediato (no próprio desfecho do conflito militar lágido-selêucida) e no futuro (na evolução da vida político-institucional do Estado lágida).

O início do reinado de Ptolomeu V Epifânio foi, portanto, marcado pela perda de consideráveis zonas de influência do império lágida no Mediterrâneo centro-oriental (mantiveram-se apenas duas províncias externas: Cirenaica e Chipre) e por uma crescente instabilidade política e social interna, de que 1) as rixas entre os principais conselheiros da corte¹², 2) os levantamentos populares em Alexandria (que provocaram o linchamento de Agátocles e dos seus familiares¹³) e 3) a oposição política declarada, com apoio clerical, no Alto e no Baixo Egipto são apenas as faces mais visíveis.

10 Samuel, Alan Edouard, «The Ptolemies and the ideology of kingship», *Hellenistic history and culture*, Berkeley/ Los Angeles, 1993, p. 176.

11 Bevan, E., *Ob. Cit.*, p. 257. As falanges egípcias são armadas à macedónia, com compridas sarissas, e convenientemente preparados para os típicos movimentos da compacta massa de infantaria, obedecendo às ordens de oficiais egípcios.

12 Neste período, o Egipto era, de facto, governado pelos oficiais da corte (φίλοι τοῦ βασιλέως, «os amigos do rei»), que enfrentavam as necessidades de reunir fundos e recrutar tropas com vista a sustentar a invasão externa. A par da realeza e dos regentes (guardiões do rei menor), fossem eles Sosibios, Agátocles ou Tlepolemo, havia toda uma pleiade de burocratas e administradores («the monarchy existed alongside the bureaucracy») encarregues de prover e manter o Estado Lágida (Cf. Samuel, A. E., *Ob. Cit.*, pp. 188, 192).

13 As mortes de Agátocles e da sua irmã Agatocleia (amante do faraó Ptolomeu IV) foram ordenadas por Tlepolemo, um comandante da fortaleza de Pelúcio que, a seguir, cerca de 203 a.C., assumiu a regência de Ptolomeu V (Cf. *Ibid.*, p. 188).

Termos e conceitos

Ao longo dos anos, a bibliografia da especialidade tem oscilado nas designações terminológicas usadas para caracterizar esta oposição política. Uma vez devido ao conjunto documental disponível, outras vezes pela própria natureza das análises interpretativas esboçadas, o estudo das lutas políticas no período ptolomaico entre Egípcios e Macedónios tem sido caracterizado por uma considerável flutuação terminológica e conceptual.

Logo no início do séc. XX, era colocada uma clara ênfase na feição nacionalista das revoltas indígenas («diese nationalistische Bewegung»). Integram-se nesta corrente, por exemplo, U. Wilcken (*Grundzüge und Chrestomathie I*, 1912) e W. Schubart (*Einführung in Die Papyruskunde*, 1918)¹⁴. Em 1923, Pierre Jouguet, outro mestre na investigação papirológica, falava das «guerres intestines en Égypte»¹⁵, para, em 1935, ser um pouco mais prolixo e referi-las como «Les révoltes de la Thébaïde»¹⁶ ou os seus agentes como «indigènes révoltés»¹⁷, considerando o «longue succès de la révolte»¹⁸ e o «sentiment national des indigènes»¹⁹. Outras expressões como «révoltes nationales», «révoltes indigènes», «le mécontentement des Égyptiens» ou «le sentiment national» são também da sua autoria²⁰. Com os trabalhos de Claire Préaux desaparece esta nota ou vertente nacionalista, substituída por expressões como «révolutions

14 No caso de U. Wilcken, cita-se *Grundzüge und Chrestomathie I*, pp. 20 e 22, e para W. Schubart, *Einführung in Die Papyruskunde*, p. 307 ss. (Cf. Peremans, Willy, «Les révolutions égyptiennes sous les Lagides», *Das ptolemaische Ägypten*, Berlim, Deutsches Archäologisches Institute, 1976, p. 39).

15 Jouguet, Pierre, «Les Lagides et les indigènes égyptiens», *Revue belge de philosophie et d'histoire (RBP&H)*, n° 3, Jul. 1923, Bruxelles, Lamertin, 1923, pp. 419-445.

16 *Id.*, «Le roi nubien Hurgonaphor et les révoltes de la Thébaïde», *Mélanges offerts à M. Octave Navarre par ses élèves et ses amis*, Toulouse, Édouard Privat, 1935, p. 265.

17 *Id.*, p. 266.

18 *Id.*, p. 269.

19 *Id.*, p. 270.

20 Cf. Peremans, W., *Ob. Cit.*, p. 39.

égyptiennes»²¹, «insurrections égyptiennes»²², «révolte indigène»²³, «révoltes égyptiennes»²⁴.

Depois de 1936 reaparece de novo, embora de forma menos vinca- da e mais prudente, mas declaradamente como reacção às propostas de ruptura de Cl. Préaux, a interpretação nacionalista das revoluções egíp- cias do período ptolomaico: as obras de W. Otto, H. Bengston, F. Uebel e H. Braunert mostram justamente que não havia concordância em rela- ção ao peso e à importância dos factores nacional e social nas revoluções egípcias sob os Lágidas²⁵.

A flutuação terminológica persistira, porém, e mesmo em trabalhos mais recentes ela continua a emergir como um traço estruturante dos vários estudos e dos vários estudiosos que se têm dedicado a este tema: Maurice Alliot (1951) refere os «mouvements révolte» e a «longue dissidence de la Thébaïde»²⁶; P. W. Pestman (1965) prefere designá-los como «plusieurs soulèvements des Égyptiens»²⁷ e «révolte»²⁸; Katelijn Vandorpe (1968) classifica a oposição aos Macedónios como «The most important rebellion agains Ptolemaic rule»²⁹, Willy Peremans (1976) como «les révolutions égyptiennes»³⁰ e Willy Clarisse (1978)

21 Préaux, Claire, «Esquisse d'une histoire des révolutions égyptiennes sous les Lagides», *CdE 11*, Bruxelles, Musées Royaux d'Art e d'Histoire, 1936, pp. 522.

22 *Ibid.*, p. 522.

23 *Ibid.*, p. 529.

24 *Ibid.*, p. 529. Em 1965, Claire Préaux usará também os termos «révolutions intérieures» (*Id.*, «Polybe et Ptoloméé Philopator», pp. 367, 374).

25 Cf. Peremans, W., *Ob. Cit.*, pp. 39, 40. Também W. W. Tarn se referirá ao despertar do sentimento e do orgulho nacional egípcio (Cf. Tarn, W. W., *La civilisation hellénistique*, Paris, Payot, 1936, p. 185).

26 Alliot, Maurice, «La Thébaïde en lutte contre les rois d'Alexandrie sous Philopator et Épiphane (216-184)», *Revue belge de philosophie et d'histoire (RBPhH)*, 29, Bruxelles, Lamer- tin, 1951, pp. 421 e 437, respectivamente.

27 Pestman, P. W., «Harmachis e Anchmachis, deux rois indigènes du temps des Ptolé- mées», *CdE XL*, n° 79, janvier 1965, Bruxelles, Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1965, p. 157.

28 *Ibid.*, pp. 160, 162.

29 Vandorpe, Katelijn, «The chronology of the reigns of Hurgonaphor and Chaonno- phris», *CdE LXI* (1968), Bruxelles, Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1968, p. 294.

30 Peremans, W., *Ob. Cit.*, p. 39.

como «la révolte la plus grave à laquelle a dû faire face la dynastie gréco-macédonienne»³¹.

Em termos operatórios e investigativos, parece-nos muito adequada a definição proposta por Alan B. Lloyd para categorizar estes movimentos político-sociais de discordância e afastamento entre os nativos e a corte lágida: «The recurrent civil unrest has often been seen as a nationalistic, ethnically motivated reaction by Egyptians against the hated Greek, but the situation was clearly much more complex than that and it probably better read as the natural outcome of the weakening of royal authority that created a context where ancient rivalries and aspirations of various kinds were no longer contained by central authority.»³²

De uma forma sucinta, podemos mencionar que a vitória militar por que se saldou a batalha de Ráfia para o lado ptolomaico teve resultados paradoxais: o inusitado concurso de cerca de 20.000 μάχιμοι indígenas provocou uma progressiva reivindicação de participação política e de valorização social por parte destes, o que levou a sedições internas e ao despertar da consciência nacional egípcia, motivadas nuns casos, agravadas noutros, pela tradicional concepção de poder e pela própria crise económico-financeira que começara a generalizar-se

A revolta da Tebaida

Para muitos autores, podemos recuar até ao início do reinado de Ptolomeu III Evérgeta I (246-221a.C.) e encontraremos nesse período as primeiras graves dificuldades no relacionamento socio-político entre os Egípcios e Macedónios. Em 245 a.C., logo no primeiro ano de reinado de Ptolomeu III, quando o poderio lágida estava no seu apogeu, um movimento de sedição doméstico obrigou o rei lágida a regressar da sua

31 Clarysse, Willy, «Notes de prosopographie thébaine. 7. Hurgonaphor et Chaonnophris, les derniers pharaons indigènes», *CdE LIII*, Bruxelles, Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1978, p. 243.

32 Lloyd, A. B., *Ob. Cit.*, p. 419.

campanha militar à Mesopotâmia. Não é possível determinar com exactidão a natureza desse movimento (traição de cortesãos ou de generais ?; deserção de militares-mercenários gregos ?), mas pode considerar-se esta situação o primeiro momento sério das lutas socio-políticas no Egito lágida³³. Depois, em 217 a.C., no seguimento da Batalha de Ráfia, teriam ocorrido também no Delta (Licópolis e Sais, designadamente) novos levantamentos populares³⁴.

Concretamente em relação à revolta da Tebaida e à fundação de um reino em oposição aos Ptolomeus, uma inscrição dedicatória do templo de Hórus, em Edfu, relata-nos as rebeliões ocorridas no Alto Egito: «*Os muros foram inscritos com a escultura perfeita, em nome de Sua Majestade, com as imagens dos deuses, as figurações das deusas e as glórias do fazedor-de-glória (= Edfu). A sua grande porta e os batentes das portas das salas foram terminados no ano 16 de Sua Majestade. Depois sobrevieram as desordens quando ignorantes rebeldes no distrito do Sul interromperam o trabalho no Trono-dos-deuses, tendo a rebelião durado na região do Sul até ao ano 19 do rei do Alto e do Baixo Egito Egípcio, Ptolomeu V, o filho de Ré, Epifânio*»³⁵.

Segundo esta inscrição, os revoltosos vieram do Sul e apoderaram-se do templo de Edfu. O «*ano 16 de Sua Majestade*», isto é, o 16º ano de reinado de Ptolomeu IV Filopator, é a data de início da rebelião da Tebaida, ou seja, 207-206 a.C. O fim da rebelião deu-se em 187-186 a.C., ou seja, no «*ano 19 (...) de Ptolomeu V(...) Epifânio*». O poder político alexandrino chefiado por Filopator moveu um ataque concertado aos rebeldes, obrigando-os a recuar para o Alto Egito e a refugiarem-se no templo de Hórus, em Edfu, que passou a constituir a base dos revolto-

33 Cf. Préaux, C., «Esquisse d'une histoire des révolutions égyptiennes sous les Lagides», p. 523.

34 Cf. Alliot, M., *Ob. Cit.*, p. 421.

35 Tradução nossa, a partir de Cauville, Sylvie; Devauchelle, Didier, «Le temple d'Edfou; étapes de la construction et nouvelles données historiques», *Revue d'Égyptologie* 35, 1984, pp. 35, 36. Vide também Kurth, Dieter, *The temple of Edfu. A Guide by an Ancient Egyptian Priest*, Cairo-New York, The American University in Cairo Press, 2004, pp. 49, 50.

sos³⁶. No início do mês de Tot de 207/206 a.C., tomariam também a cidade de Tebas, situada cerca de 100 Km a norte de Edfu³⁷. A tomada de Tebas assinalaria um novo momento da luta: de um estado de revolta passou-se à instituição de um realza independente, colateral, da realza legítima, com Horuennefér a tomar o título de faraó. Até 186 a.C., já, portanto, no reinado de Ptolomeu V Epifânio, a revolta continuaria activa, impossibilitando inclusive a continuidade das obras no templo de Edfu³⁸.

A revolta da Tebaida ter-se-á, portanto, iniciado em 207-206 a.C., ou seja, ainda no reinado de Ptolomeu IV Filopator, e teria origem na consciência que os contingentes militares egípcios tiveram da importância do seu contributo na Batalha de Ráfia³⁹. A participação dos *machimoi* egípcios nas forças militares ptolomaicas permitiu-lhes acalentar aspirações de promoção e valorização social e de participação política e foi o rastilho para o reacender de ideias e ideais nacionalistas contra o dominador estrangeiro⁴⁰.

O direito de usar armas para defender o país, concedido, pela primeira vez, pelos Lágidas aos autóctones, gerara uma auto-consciência do seu real papel sócio-político. Ao armar os naturais do Egipto con-

36 Nessa altura, o templo de Edfu não estava ainda concluído. Iniciada a 23 de Agosto de 237 a.C., sob Ptolomeu III Evérgeta I, a obra prosseguira no reinado de Ptolomeu IV Filopator que, a 17 de Agosto de 212 a.C., terminara a construção do naos, ou seja, do núcleo do templo. Faltava ainda, todavia, terminar a parte interior da edificação (Ptolomeu VI Filometor), a sala hipostila (Ptolomeu VIII Evérgeta II), o pátio ao ar livre e o pilone (Ptolomeu IX Sóter II e Ptolomeu XII Neos Dionisos Auleta) – Cf. Watterson, Barbara, *The house of Horus at Edfu. Ritual in an ancient Egyptian temple*, Gloucestershire, Temple, 1998, pp. 25, 26; Kurth, D., *Ob. Cit.*, p. 49.

37 Cf. Pestman, P. W., *Ob. Cit.*, p. 161.

38 É de sublinhar que o templo de Edfu permaneceu na mão dos insurrectos, como sua fortaleza, durante toda a duração da revolta (Cf. *Ibid.*, p. 168).

39 Cf. Sales, José das Candeias, «Ptolemeus», *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, p. 721.

40 «For most of the Ptolemaic Period, the Egyptian stratum was made up of several major groups: the priests, who formed the elite, the *machimoi*, or warrior class, a lower middle class of entrepreneurs and scribes occupying the lower echelons of the civil service, and the peasantry.» (Lloyd, A. B., «Nationalist propaganda in ptolemaic Egypt», *Historia. Journal of Ancient History*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag, 1982, p. 36).

tra o inimigo selêcida, o faraó Ptolomeu IV «avait pris une résolution convenant au présent, mais il avait compromis l'avenir»⁴¹. Às «alegrias do triunfo» de Ptolomeu IV sucedia-se o «desgosto das sedições» de Ptolomeu V.

As duas décadas de distúrbios⁴² e de estabelecimento de um estado rival do estado ptolomaico, com o conseqüente exercício dos direitos de soberania na Tebaida e privação dos cofres reais de Alexandria da percepção dos impostos, foram marcados pela proclamação oficial de dois autóctones, de origem núbica, como faraós: primeiro, Horuenefer, @r-wn-nfr (206/ 205 a 201/200 a.C. — 6 anos de reinado) e depois Ankhuefer, anx-wn-nfr (201/ 200 a 187/ 186 a.C. — 15 anos de reinado)⁴³.

Os títulos protocolares usados por ambos os reis revoltosos, a saber, *anx Dt mr Js.t mr Imn-Ra-nsw.t-nTr.w pA nTr aA* (*ankh djet mer Aset mer Imen-Ré-nesut-netjeru pa-netjer aa*, «Que viva eternamente, o amado de Ísis, amado de Amon-Ré, senhor dos deuses, o grande deus») indicam que foram oficialmente reconhecidos como faraós pelo clero tebano de Amon⁴⁴. Além disso, tudo leva a crer que os revoltosos foram coroados pelos sacerdotes de Tebas, tal como em 196 a.C. aconteceu com Ptolomeu V Epifânio, coroado pelos sacerdotes de Ptah, em

41 Préaux, C., *Ob. Cit.*, p. 528.

42 A designação «dias dos distúrbios» é usada na linha 20 da Pedra de Roseta para classificar o período que vai de 207–206 a.C. (início das perturbações no reinado de Ptolomeu IV) a 196 a.C. (ano da redacção do decreto menfita). Até 187/186 a.C., haveria ainda mais 10 anos de distúrbios na Tebaida.

43 Até ao final dos anos 70 do século XX (1977), os nomes destes dois governantes indígenas eram lidos nos documentos demóticos como Harmachis e Anchmachis, respectivamente. Depois das dúvidas lançadas por F. de Cenival e K. T. Zauzich, está actualmente estabelecido que a leitura correcta é *Hr-wn-nfr* e *ḥ-wn-nfr*. As transcrições gregas são dadas como Hurgonafor e Chaonnofris. As hesitações iniciais dos estudiosos derivaram do carácter cursivo da escrita demótica, em que os grupos da escrita hieroglífica estão reduzidos a um ou a vários signos cursivos (Cf. Vandorpe, K., *Ob. Cit.*, p. 294; Clarysse, W., *Ob. Cit.*, pp. 244, 245; Pestman, P. W., *Ob. Cit.*, p. 158. Vide também von Beckerath, Jürgen, *Handbuch der Ägyptischen Königsnamen, MÄS 49*, Munique, Philipp von Verlag, Mains, 1999, p. 246 a) e b)).

44 Cf. Pestman, P. W., *Ob. Cit.*, p. 158; Jouguet, P., *Ob. Cit.*, p. 265.

Mênfis⁴⁵. Mênfis e Ptah apoiam o Macedónio. Tebas e Amon acolhem o Núbio⁴⁶.

Tebas continuava a ser, nos séculos III e II a.C., um grande centro demográfico, económico e, sobretudo, religioso e manifestava como principais características em matéria religiosa-política uma enorme fidelidade ao passado, incapaz, em muitos aspectos, de assimilar os elementos civilizacionais estrangeiros, e uma significativa influência sobre a população egípcia, através da acção dos sacerdotes de Amon⁴⁷.

O apoio tebano-amoniano sustenta, pois, a própria oposição (ou não fosse o clero de Amon, em Tebas, hostil à dinastia macedónica) e denota uma conflitualidade latente, lateral, existente também entre os cleros indígenas: o faraó «amado de Ptah», mr-PtḤ (Ptolomeu V), contra os faraós «amados de Amon», mr-Imn (Horunnefer e Ankhuennefer). As forças políticas centrífugas do Sul (com antiquíssimas manifestações ao longo da história do Egipto) foram no período ptolomaico profundamente animadas pelas rivalidades clericais.

É admissível que subjacente aos nomes dos soberanos apoiados por Amon estivesse uma outra significação política: a designação Uennefer remetia para o mitológico deus-rei Osíris-Uennefer, cuja morte fora vingada pelo seu filho Hórus, seu sucessor no trono. De acordo com o Cap. 142 do *Livro dos Mortos*, Uennefer era um dos 112 nomes de Osíris. Ao adoptarem esta designação divina na sua onomástica, qual programa político de actuação, os faraós rebeldes procurariam explorar uma ideia religiosa existente desde, pelo menos, o Império Médio⁴⁸.

O reinado de Horuennefer no Alto Egipto (de 1 de Novembro de 206/ 205 a.C. a 200/199), coincidiu com os dois últimos anos do reina-

45 Cf. Clarysse, W., *Ob. Cit.*, p. 251. Em contraste com a integração das designações onomásticas de Amon-Ré nos títulos dos revoltosos, Ptolomeu V Epifânio tinha um nome de coroação que valorizava o deus de Mênfis e, em consequência, a acção dos seus sacerdotes: *stp-n-PtḤ*, (*setep-en-Ptah*, «o escolhido de Ptah») – Cf. Sales, José das Candeias, *Ob. Cit.*, Anexo I, p. 363.

46 Cf. Préaux, C., *Ob. Cit.*, p. 532.

47 Cf. Bataille, André, «Thèbes gréco-romaine», *CE* 26, 1951, pp. 326, 327, 340, 341.

48 Cf. Clarysse, W., *Ob. Cit.*, pp. 252, 253. No caso de Horuennefer, o seu nome teóforo era composto a partir dos nomes de Hórus e de Uennefer.

do de Ptolomeu IV Filopator e com os primeiros cinco anos de Ptolomeu V Epifânio. Já o reinado de Ankhuennefer (201/200 – 187/186 a.C.) coincidiu com 15 anos (do total de 24 anos) do reinado de Ptolomeu V Epifânio, ou seja, entre o 6º e o 19º anos da dominação do Lágida⁴⁹.

Aproveitando a morte de Horuennefer, Ptolomeu V Epifânio tentou, entre 199 e 197 a.C., acabar com a rebelião nacionalista. Como refere a Pedra de Roseta (linhas 21-27), o poder central investiu sobre o Alto Egito (conquistou a cidade de Tebas, a sede ideológica da realeza rebelde, em 199 a.C., no 6º ano de reinado de Ptolomeu V, e cercou Abidos) e no Baixo Egito apoderou-se de Licópolis (197 a.C., no 8º ano de reinado), uma cidade do 19º *nomos* do Delta, provavelmente perto de Busíris mas não identificado com certeza⁵⁰.

No norte, Ptolomeu V teve de enfrentar e dominar a oposição interna, cercando a cidade de Licópolis e supliciando os chefes da rebelião. Políbio dá-nos os nomes dos chefes egípcios vencidos por Polícrates, general ao serviço de Ptolomeu V: «(...) quando Polícrates submeteu o resto dos rebeldes, Athinis, Pausiras, Chesufos, Irobasto, os únicos chefes que escaparam do massacre, renderam-se e vieram a Sais colocar-se à sua mercê. Em nome da fidelidade jurada, Ptolomeu mandou amarrá-los nus a carros que os arrastaram pelo solo, fazendo-os sofrer depois de os ter também torturado.»⁵¹

No sul, a vitória dos alexandrinos foi, porém, episódica. Paulatinamente, Ankhuennefer afirma a sua autoridade na Tebaida.

49 Cf. Vandorpe, K., *Ob. Cit.*, p. 299, e Pestman, P. W., *Ob. Cit.*, p. 167.

50 O faraó lágida aproveitou esses momento favorável, tanto mais que Ankhuennefer não era, provavelmente, filho nem sucessor legítimo de Horuennefer. Não há um único documento que indique o nome do pai de Ankhuennefer, o que tem sido interpretado como prova da inexistência de uma ligação familiar entre este rei e o seu antecessor. Seria ilógico que filho do rei anterior, Ankhuennefer não o mencionasse nas suas inscrições e documentos. Ignora-se se houve alguma disputa pelo poder em Tebas, mas houve, certamente, uma certa fraqueza que os alexandrinos aproveitaram (Cf. Pestman, P. W., *Ob. Cit.*, pp. 167-169).

51 Políbio, XXII, 17; Cf. Bertrand, Jean-Marie, *L'hellénisme. 323-31 av. J.-C. Rois, Cités et peuples*, Paris, Armand Colin, 1992, p. 197. Vide também Peremans, W., *Ob. Cit.*, p. 41, e Bagnall, Roger S.; Derow, Peter, *Greek Historical Documents: The Hellenistic Period*, California, Scholars Press for The Society of Biblical Literature, 1981, p. 228.

Entre 190 e 188 a.C., os confrontos directos entre as forças lágidas e os partidários do rei núbio redundaram na repartição de vitórias para ambos os lados. Para o período entre 188 e 187 a.C. não há textos datados que permitam uma reconstituição/ interpretação histórica sustentada. Depois de 187 a.C., o poder lágida assume definitivamente o controlo total do norte da Tebaida e, em 27 de Agosto de 186 a.C., Komanos, um dos generais ao serviço dos governantes ptolomaicos, massacra os chefes núbios, vence o «faraó indígena» e consegue sustentar o movimento secessionista da Tebaida (Ankhuennefer é aprisionado e o seu filho morto)⁵².

Conclusão

Ao esmagar as rebeliões internas, resistindo às tensões de emancipação do Alto Egipto, Ptolomeu V conseguiu salvar a dinastia e manter o Egipto unificado sob o seu poder. Em 187/186 a.C., introduz uma inovação administrativa na Tebaida criando o cargo de Epistratego⁵³. Como governador-geral permanente da Tebaida, o novo alto-funcionário detinha poderes administrativos e militares e assumia uma autoridade mais forte no Alto Egipto. O exemplo dos «dias dos distúrbios» não fora esquecido: pretendia-se evitar que numa região endémica e potencialmente rebelde ocorressem novas insurreições políticas anti-lágidas⁵⁴. A

52 Cf. Pestman, P. W., *Ob. Cit.*, p. 160, Alliot, M., *Ob. Cit.*, p. 438.

53 Cf. Bernard, A., *Leçon de civilisation*, Paris, Fayard, 1994, pp. 242, 243. Komanos foi o primeiro epistratego da Tebaida. Sobre outras causas associadas à criação da epistrategia (inflação monetária, crise económica, alterações administrativas, tendências centralizadoras, etc.), Cf. Van't Dack, E., «Notes concernant l'épistratégie ptolémaïque», *Aegyptus* 32, Milano, Università Cattolica del Sacro Cuore, 1952, pp. 438 e ss.; Peremans, W., *Ob. Cit.*, pp. 39-50. *Vide* também Jouguet, P., *Ob. Cit.*, p. 308, e Van't Dack, E., «L'évolution de l'épistratégie dans la Thébaïde au I^{er} siècle av. J.-C.», *OPL* 6/7, 1975/76, pp. 577-587.

54 Em 131/ 130 a.C., ocorreria na Tebaida nova rebelião contra o rei lágida (reinado de Ptolomeu VIII Evérgeta II). Em 90 a.C., durante dois anos, Ptolomeu IX Sóter II teve de enfrentar nova rebelião, atijada, uma vez mais, pelos sacerdotes de Tebas. Em 29 a.C., um novo levantamento, desta feita contra os Romanos, seria detido sob as ordens do Prefeito Cornélius Gallus (Cf. Baraille, A., *Ob. Cit.*, p. 345; Préaux, C., *Ob. Cit.*, pp. 543, 544, 548 e 549).

protecção e defesa do Egipto que empreendeu demonstravam e legitimavam o seu direito ao território herdado. A partir de 187/186 a.C., prova do domínio do sul, as obras em Edfu foram retomadas.

Como diz a Pedra de Roseta, por ser benfeitor «*para todos aqueles que são seus súbditos*» (linha 10) e contribuir para que «*todos os habitantes do Egipto estivessem em segurança*» (linha 21), o faraó Ptolomeu Epifânio granjeou o reconhecimento e o favor dos sacerdotes do Egipto, mas a contestação socio-político fragilizara irreversivelmente o poder real que nunca mais conseguiria enquadrar da mesma forma as populações egípcias. A resistência de Horuenefer e Ankhunnefer aos Ptolomeus não só foi a mais longa como a mais eficaz⁵⁵.

Talvez não seja exagerado afirmar que o cisma dinástico de Horuenefer e Ankhunnefer marcou o momento-chave do relacionamento político interno no Egipto ptolomaico. Parece haver claramente um *antes* e um *depois* do cisma. Até que ponto o levantamento da Tebaida, com a sagração do rei Horuenefer pelo clero tebano, marcou a própria feição que a realeza ptolomaica assumiu a partir de então, designadamente com a sua coracção pelos sacerdotes menfitas ?

Inquestionável parece ser, de facto, a maior atenção conferida a partir de então ao Alto Egipto, através, por exemplo, da construção templária. São notáveis a este exemplo as obras em Kom Ombo, Filae e Edfu desencadeadas nos reinados subsequentes dos filhos de Ptolomeu V (Ptolomeu VI Filometor e Ptolomeu VIII Evérgeta II). Essa atenção à actividade construtora por parte dos reis lágidas significa, por um lado, um desejo de dominação administrativo-política e, por outro, uma intenção de agradar aos agentes e representantes da cultura nativa, os sacerdotes.

Os grandes vencedores, por assim dizer, dos conflitos internos e do movimento de rebelião foram precisamente os sacerdotes e os templos nacionais: a aristocracia dos templos passou a exigir cada vez maiores doações, isenções e privilégios e, no espaço de meio século, acumulou

55 Pestman, P. W., *Ob. Cit.*, pp. 169, 170.

riquezas extraordinárias, à conta da ajuda que conferia aos faraós lágidas no controlo ideológico e psicológico das populações. No reverso da medalha, os camponeses e os artesãos sentiam os fortes aguilhões das taxas, dos impostos e da crise financeira que minava o estado lágida e de que este, no fundo, nunca mais recuperaria.

Referências Bibliográficas

Apresentam-se aqui apenas as referências bibliográficas com interesse para o tema em estudo não referidas nas notas de rodapé.

Obras Gerais:

ANDREWS, Carol, *The Rosetta Stone*, London, British Museum Publications, 1983.

CABANES, Pierre, *Le monde hellénistique. De la mort d'Alexandre à la paix d'Apamée (323-188)*, Paris, Éditions du Seuil, 1995.

DEVAUCHELLE, Didier, *La Pierre de Rosette – présentation et traduction*, s.l., Le Léopard d'Or, 1990.

GREEN, Peter, *D'Alexandre à Actium. Du partage de l'empire au triomphe de Rome*, Paris, Robert Lafont, 1997.

HÖLBL, Günther, *A history of the ptolemaic empire*, London/ New York, Routledge, 2001.

LÉVÊQUE, Pierre, *O mundo helenístico*, Lisboa, Edições 70, 1987.

SCHWENTZEL, Christian-Georges, *Images d'Alexandre et des Ptolémées*, Paris, Mousseoin-Éditions, 1999.

SOLÉ, Robert; VALBELLE, Dominique, *La pierre de Rosette*, Paris, Éditions du Seuil, 1999.

Artigos:

ANAGNOSTOU-CANAS, Barbara, «Rapports de dépendance coloniale dans l'Égypte ptolémaïque, II. Les rebelles de la chôra», *Proceedings of the XIX International Congress of Papyrology*, Cairo, 1992, pp. 323-372.

- DERCHAIN, Philippe, «Grecs et égyptiens en Égypte à l'époque hellénistique. Essai sur les rapprochements culturels», *Bulletin de l'Association angevine et nantaise d'Égyptologie Isis*, n° 5, Angers, 1998, pp. 7-17.
- JOHNSON, Carl C., «Ptolemy V and the Rosetta Decree: the egyptianization of the ptolemaic kingship», *AncSoc* 26, Leuven, Katholieke Universiteit Leuven, 1995, pp. 145-155.
- JOHNSON, Janet H., «The role of the egyptian priesthood in ptolemaic Egypt», *Egyptological studies in honor of Richard A. Parker* (edited by Leonard H. Lesko), Hanover and London, Brown University Press, 1986, pp. 70-84.
- PEREMANS, Willy, «Égyptiens et étrangers dans l'Égypte ptolémaïque», *Grecs et barbares*, Genève, Fondation Hardt, 1962, pp. 121-166.
- _____, «Ethnies et classes dans l'Égypte ptolémaïque», *Recherche sur les structures sociales dans l'Antiquité classique*, Paris, CNRS, 1970, pp. 213-223.
- _____, «Classes sociales et conscience nationale en Égypte ptolémaïque», *Miscellanea in Honorum Josephi Vergote*, Leuven, Departement Oriëntalistiek, 1975/ 76, pp. 443-453.
- QUAEGEBEUR, Jan, «Contribution à la prosopographie des prêtres memphites à l'époque ptolémaïque». *AncSoc* 3, Leuven, Katholieke Universiteit Leuven, 1972, pp. 77-109.
- SKEAT, T. C., «Notes on ptolemaic chronology, IV. The year of Ptolemy Philopator as a *terminus ad quem*», *JEA* 59, 1973, pp. 169-184.
- SWIDEREK, Anna, «Le rôle politique d'Alexandrie au temps des Ptolémées», *L'idéologie monarchique dans l'Antiquité*, Colloque Mogilany, 1977, Cracóvia-Varsóvia, 1980, pp. 105-115.
- THOMPSON, Dorothy J., «The high priests of Memphis under ptolemaic rule», *Pagan priests. Religion and power in the ancient world*, London, 1990, pp. 97-116.

Resumo

O objectivo deste artigo é reflectir sobre o cisma dinástico protagonizado pelos faraós nativos Horuennéfer e Ankhuenéfer, entre 207/ 206 e 187/186 a.C. Com o

apoio explícito do clero tebano de Amon, esta revolta tebana foi a mais importante, a mais longa e a mais eficaz acção de resistência política ao poder dos governantes ptolomaicos (reinados de Ptolomeu IV Filopator e Ptolomeu V Epifânio).

Abstract

The aim of this article is reflecting about the dynastic schism performed by the native pharaohs Horuenefer and Ankhuefer, between 207/206 and 187/186 B.C. With the explicit support of the Amen's Theban priesthood, this Theban revolt was the most important, the longest and the most efficient action of political resistance against the Ptolemaic rulers (reigns of Ptolemy IV Philopator and Ptolemy V Epiphanes).